SURDEZ E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CLAUDIA HELENA PAULO DE SOUZA

RESUMO:

Este trabalho é fruto de uma pesquisa, cujo objetivo é mostrar a relação existente entre a criança surda e a sua aprendizagem na educação infantil. Para a realização desta pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico, cujo objetivo é mostrar as transformações históricas ocorridas ao longo dos anos e como o aluno surdo adquire seu conhecimento através da Língua de Sinais.

Palavras-chave: surdez; língua de sinais; educação infantil

INTRODUÇÃO

Não foi por acaso que direcionei minha pesquisa para a comunidade surda. Primeiro talvez por acreditar que toda a criança merece atenção no processo de ensino aprendizagem.

A criança surda em especial requer mais atenção neste processo uma vez que o grau de dificuldade desta criança aprender é muito maior do que uma criança ouvinte.

Embora saibamos dos esforços para atender e adequar às necessidades dos alunos surdos nas instituições públicas e particulares o sistema ainda é falho. O percurso não tem sido fácil, pois nos deparamos com instituições mal preparadas para receber e ensinar aos alunos surdos sua língua materna libras e consequentemente, a língua oficial do seu país. A falta de recursos e o despreparo dos profissionais da educação pioram ainda mais este quadro.

Contudo, o principal objetivo desta pesquisa foi investigar e refletir sobriamente alguns pontos que garantem à criança surda nas séries iniciais o direito de aprender. A fim de sanar minha curiosidade foi com enorme prazer que me voltei ao tema apresentado.

A história do surdo poderá retratar de melhor maneira a evolução ainda que de maneira lenta desta comunidade.

Os acessos e os recursos ainda não contemplam todos os envolvidos neste processo, logo que ainda existem pessoas que desconhecem a verdadeira essência da língua de sinais e seus benefícios.

O segundo ponto a ser estudado, refere-se ao bilinguismo que valoriza a língua natural do surdo oferecendo a ele condições de se desenvolver na sociedade.

Acreditando não ser suficiente para a conclusão desta pesquisa todo o exposto tem por finalidade mostrar a aquisição da língua de sinais na educação infantil que permitirá ao aluno surdo se desenvolver intelectualmente uma vez consolidado uma boa educação infantil que é a base para a aprendizagem da criança e que permitirá a ela também se desenvolver dentro de um contexto sócio cultural.

O processo pelo qual o aluno surdo aprende é imprescindível para a sua formação pessoal e social. Em todos os aspectos a aquisição da língua de sinais deve garantir ao aluno surdo o conhecimento uma vez que este faz parte da sociedade.

A fim de resolver estas questões foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica, contudo não foi possível analisar e interpretar todas as obras que abordam este assunto. De alguma forma espero colaborar com os profissionais da área a fim de possibilitar uma reflexão sobre os temas abaixo relacionados.

Para tanto, o trabalho segue estruturado da seguinte maneira: A história do surdo – contexto histórico; o bilinguismo e a aquisição da linguagem na educação infantil.

1. A HISTÓRIA DO SURDO: CONTEXTO HISTÓRICO

Conhecer a história do surdo é fundamental para a compreensão da pesquisa bem como o período histórico que abarca as transformações ocorridas dentro desta comunidade.

Para Goldfeld (1997, p. 24), "[...] é de suma importância investigar a história do surdo para contextualizar as práticas educacionais". De acordo com Goldfeld (1997), o surdo em todas as suas dimensões já foi visto como algo negativo dentro da sociedade sendo digno até de piedade e compaixão como se a surdez fosse um castigo.

Goldfeld (1997, p. 25) pontua "[...] que o aluno surdo até o século XV não era educado, o mesmo era visto como uma pessoa primitiva, sem capacidade nenhuma e sem nenhum direito assegurado". Sendo assim as primeiras transformações passaram a ocorrer no século XVI com o surgimento dos primeiros educadores.

Dentro desta perspectiva, Goldfeld (1997, p.25) afirma que "... surgiram algumas correntes com visões diferentes em relação à educação do surdo". De acordo com as palavras da autora alguns se baseiam apenas na língua oral, ou seja, a língua oral auditiva utilizada em seu país, outros tiveram como base para a educação do surdo a língua de sinais e outros foram ainda mais longe criaram os códigos visuais.

O século XVI ficou marcado por essas

e muitas outras transformações, como pontua Goldfeld.

No século XVI, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon(1520-1584) ensinou quatro surdos, filhos de nobres, a falar grego, latim e italiano, além de ensinar-lhes conceitos de física e astronomia. Ponce de Leon desenvolveu uma metodologia de educação de surdos que incluía datilologia (representação manual das letras do alfabeto) escrita e oralização, e criou uma escola de professores surdos.

(GOLDFELD,1997,p.25).

Os desdobramentos e as mudanças em relação ao surdo contaram com a influência de importantes pessoas, entre eles destacam-se o Abade Charles Michel de L' Epée. De acordo com Goldfeld (1997, p. 26) "[...] o mesmo se aproximou dos surdos e aprendeu com eles a língua de sinais e em cima disso criou os sinais metódicos". Segundo a autora, o sucesso que envolveu o Abade Charles Michel de L' Epée foi significativo, o Abade transformou sua casa em escola pública e defendeu que todos os surdos deveriam ter acesso à educação e que esta deveria ser gratuita e pública. Porém ao passar do tempo começaram a surgir os primeiros problemas e as primeiras dificuldades envolvendo a comunidade surda. De acordo com as autoras Honora e Frizanco (2009):

No século XVII era percebido o grande interesse que os estudiosos tinham pela educação dos Surdos, principalmente porque tinham descoberto que esse tipo de educação possibilita ganhos financeiros, pois as famílias abastadas que tinham descendentes surdos pagavam grandes fortunas para que seus filhos aprendessem a falar e a escrever (Honora e Frizanco, 2009, p. 21).

Em meio a todas essas dificuldades, a comunidade surda foi conquistando seu espaço e em meados do século XVIII a educação dos surdos sofreu um grande impulso quantitativo em relação às escolas e qualitativo em relação à língua de sinais. Dentro deste quadro os surdos passaram a aprender com maior facilidade as disciplinas que eram ministradas em língua de sinais. No entanto Goldfeld (1997, p. 26) ressalta que "[...] a maior vitória da comunidade surda veio em 1864 com a fundação da primeira universidade para surdos a Universidade Gallaudet".

As constantes mudanças dentro deste período fez com que surgissem outros métodos de ensino que começaram a ganhar força devido aos avanços tecnológicos e entre eles destaca-se o oralismo que defendia a ideia de que a língua de sinais seria prejudicial para o surdo. Partindo deste princípio Goldfeld afirma que:

O mais importante defensor do oralismo foi Alexander Grahan Bell, o célebre inventor do telefone, que exerceu grande influência no resultado da votação do Congresso Internacional de Educadores de Surdos,realizado em Milão, no ano de 1880.Naquele Congresso foi colocado em votação qual método deveria ser utilizado na educação dos surdos.O oralismo venceu e o uso da língua de sinais oficialmente proibido.É importante ressaltar que aos professores surdos foi negado o direito de votar.(Goldfeld,1997, p. 28).

Inevitavelmente houve uma grande reviravolta em relação à educação dos surdos. Segundo Goldfeld (1997, p. 28)"[...] não era possível comparar as conquistas obtidas pelos surdos com a língua de sinais e a fundação da primeira universidade". Durante um tempo os surdos foram reconhecidos pelas sociedades e a língua de sinais foi fundamental para esta conquista.

As mudanças foram ocorrendo de forma gradativa, no século XX parte das escolas deixou de utilizar a língua de sinais. Dentro desta perspectiva a autora enfatiza que:

A oralização passou a ser o objetivo principal da educação das crianças surdas, e, para que estas pudessem dominar a língua oral, passavam a maior parte do tempo recebendo treinamento oral e se dedicando a este aprendizado. (...). Com isso houve uma queda no nível de escolarização dos surdos. (Goldfeld, 1997, p. 28)

Mesmo diante desta queda o oralismo dominou a educação das crianças surdas em âmbito global até meados da década de setenta. A insatisfação por parte dos alunos e professores surdos permitiu segundo Goldfeld (1997, p.28) que "[...] a comunidade surda retomasse a língua de sinais e outros códigos manuais que combinava a língua de sinais com a língua oral, labial, treino auditivo e alfabeto manual". A esta prática foi dado o nome como pontua a autora (1997, p. 29) de"...Comunicação Total, que utiliza todas as formas de comunicação possíveis na educação dos surdos, por acreditar que a comunicação e não a língua de sinais deve ser privilegiada".

A língua oral ou a língua de sinais dentro deste contexto foi sendo utilizada de acordo com a

sua necessidade e não necessariamente as duas como vinham sendo colocadas. Isto proporcionou, segundo Goldfeld (1997, p. 29) o "[...] surgimento do bilinguismo que na década de oitenta e noventa cativa a comunidade surda ganhando adeptos em todos os países".

Segundo Goldfeld, (1997, p.29) o Brasil em meados de 1855 recebeu a visita de um

professor francês surdo chamado Hernest Huet, apresentado pelo imperador D.Pedro II, para realizar um trabalho de educação com as crianças surdas tudo isto sendo pago pelo governo. Fazendo uma retrospectiva da

história do surdo a autora ainda enfatiza que em 26 de setembro de 1857, foi inaugurado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Os desdobramentos envolvendo a comunidade surda, até mesmo no Brasil sofreu grandes impactos negativos em relação à língua de sinais, de acordo com Goldfeld (1997) em 1911, no Brasil, o INES, seguindo a tendência mundial, estabeleceu o oralismo em todas as disciplinas. Mesmo assim, a língua de sinais sobreviveu em sala de aula até 1957. No final da década de setenta chega ao Brasil a Comunicação Total, nas décadas seguintes o bilinguismo passa a fazer parte das pesquisas brasileiras, até que em 1994 a comunidade surda passa a utilizar a abreviação Libras como (Língua Brasileira de Sinais).

2. BILINGUISMO

Com uma premissa completamente contrária ao oralismo, o bilinguismo parte do princípio que o aluno surdo deve ser bilíngue, ou seja, aprender a língua de sinais como base como língua materna e adquirir como segunda língua a língua oficial do seu país. De acordo com Goldfeld (1997, p. 39)"[...] o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo aceitar e assumir a sua surdez".

O bilinguismo, valorizava em todos os sentidos a comunidade surda para eles segundo Goldfeld (1997, p. 39) "[...]os surdos formam uma comunidade com culturas e línguas próprias.

Desta forma a autora pontua que:

Sacks (1989), respeitando a nomenclatura da comunidade surda americana, utiliza o termo Surdez (com S maiúsculo) para designar um grupo linguístico e cultural e o termo surdez (com s minúsculo) para designar uma condição física,a falta de audição (SACKS apud Goldfeld, 1997, p.39).

Com base nas comparações, podemos observar que o bilinguismo se preocupava com o surdo em si, para eles entender o surdo é fundamental para compreender suas particularidades, sua língua, sua cultura e sua forma de pensar e agir. Partindo desses princípios o bilinguismo afirma que a criança surda deve adquirir como língua materna a língua de sinais e que isto deve acontecer de forma natural, ou seja, do convívio da relação com pessoas surdas porém que possuam mais idade e sabedoria em relação à língua.

Segundo Goldfeld (1997, p. 40) "[...] para que a criança tenha sucesso na aquisição da língua de sinais,é preciso que a família também aprenda esta língua para que assim a criança possa utilizar para se comunicar em casa".

Com base no exposto acima, outro aspecto importante deve ser ressaltado: alguns autores enfatizam que a língua oral, mesmo sendo necessária para a vida do surdo, dificilmente será dominada satisfatoriamente por ele, ou seja, não atenderá todas as suas necessidades como a língua de sinais.

3. SURDEZ E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

A citação a seguir soa como música aos nossos ouvidos. A maneira como o autor enfatiza a forma como adquirimos a linguagem nos serve como base, para nos orientarmos e entendermos que o processo de aprendizagem do ouvinte ou do surdo não acontece de forma individual, todavia acontece de maneira amistosa, solidária com o outro, pois isso não é uma capacidade inata do homem de adquirir sozinho uma linguagem. Sacks 1998 enfatiza que

Nascemos com nossos sentidos; eles são "naturais". É possível desenvolvermos sozinhos, naturalmente as habilidades motoras. Mas não podemos adquirir sozinhos uma língua: essa capacidade insere-se numa língua única.Não se pode desenvolver uma língua sem alguma capacidade inata essencial, mas essa capacidade só é ativada por outra pessoa que já possui capacidade e competência linguística. É somente por meio de transação (ou como diria Vygotsky, "negociação") com outra pessoa que a língua é desenvolvida. (Sacks, 1998, p. 74)

Obviamente a língua de sinais não foge a regra, não poderia ser de outra maneira somente por meio do convívio com o outro que a criança surda pode aprender a língua de sinais.

De acordo com Sacks (1998, p.94) "[...] de um modo muito notável a criança, em desenvolvimento torna-se aberta a língua, capaz de construir uma gramática a partir das elocuções de seus pais". O autor elucida o fato mostrando que as crianças a partir dos dois anos de idade demonstram agilidade e genialidade para ampliar a língua e isto é comum a todos nós seres humanos neurologicamente normais, surdos ou ouvintes. A aquisição da linguagem na infância neste período é crucial para o desenvolvimento da criança ouvinte ou surda, é claro que esta última com desenvolvimento mais difícil e demorado.

O processo de aprendizagem na educação infantil, tanto de alunos ouvintes quanto de alunos surdos requer uma prática por parte dos profissionais da educação, no entanto, isto pode não ser um dos fatores meramente importantes quando este aluno surdo, ou seja, esta criança surda é filho ou filha de pais surdos. Para uma boa inserção na educação e um amplo desenvolvimento esta criança deve conviver com pessoas que se comuniquem em libras e isto vale também para o educador, ensinar e aprender.

Segundo Quadros (2000) a Língua de Sinais Brasileira deve ser o meio pelo qual uma criança surda deve se comunicar, interagir, expressar suas ideias com o meio social e cultural. A autora salienta que não há como uma criança surda utilizar outro recurso, a língua de sinais brasileira é fundamental para a aquisição da linguagem é por meio dela que uma criança deve aprender a se desenvolver no meio com o outro.

A autora salienta que embora não existam registros suficientes que abordem a educação infantil a mesma por outra via de acesso busca respostas para abordar este assunto e com base nos registros americanos verifica os primeiros anos da criança surda na escola e afirma que:

Por volta dos dois anos de idade as crianças estão produzindo sinais usando um número restrito de configurações de mão (sugere-se que tal número corresponde a sete configurações mãos), bem como simples combinações de sinais expressando fatos relacionados com o interesse imediato, com o "aqui" e o "agora".As crianças nesta fase começam a marcar sentenças interrogativas com expressões faciais concomitantes com o uso de itens lexicais para expressar sentenças interrogativas (Quem,O Que e Onde).

Nesse período também é verificado o uso da negação não manual através do movimento da cabeça para negar, bem como o uso da marcação manual para confirmar expressões comuns na produção do adulto (Ronice, 2000, p. 56).

Cada fase na vida da criança, é importante para determinar sua capacidade de se desenvolver em sociedade. Quadros faz uma abordagem até os quatro anos de idade da criança, no entanto a autora foca dois pontos centrais que serão elucidados mais adiante. Para Quadros (2000) é por volta dos três anos de idade que as crianças buscam formas de mãos mais complicadas mas acabam caindo na simplicidade dos movimentos, nesta fase as crianças começam a incorporar sinais para explanar diferentes ações.

Outra vertente usada pela autora é quando a criança atinge seus quatro anos de idade para Quadros (2000) a criança nessa idade utiliza configuração de mãos mais difíceis e é justamente nesta fase que a criança explora movimentos de sinais de forma mais estruturada.

Contudo, Quadros (2000) enfatiza que nessa idade a criança forma palavras mais consistentes, porém, com problemas para conservar os pontos quando contam suas histórias, a autora observa que o uso da direção dos olhos auxilia para a concordância com alguns argumentos que estão à sua volta.

Na verdade, Quadros (2000) observa que as crianças adquirindo a Língua de Sinais Brasileira utilizam muito a direção dos olhos e isso acontece precocemente por volta dos dois anos de idade, para a autora o uso da concordância através do olhar é uma das informações que garante e muito a compreensão do discurso nesse período tão precoce. Assim deve ser os olhos de um interlocutor de língua de sinais, atento como o de uma criança que na fase de dois a quatro anos tem os sentidos mais aguçados estão mais propícios a aprender a língua de sinais.

Na educação infantil, a aquisição da linguagem deve ser valorizada desde o estágio pré- linguístico que ocorre com a criança surda ou não.

De acordo com Quadros e Lodenir (2001) a criança surda deve ter esse direito assegurado através de uma língua visual- espacial,no caso do Brasil, por meio de libras. Para as autoras esse trabalho deve ser inserido na criança assim que ela é colocada na escola, o trabalho deve ser direcionado e o processo de aquisição da linguagem deve acontecer por meio de uma língua visual- espacial.

Segundo Quadros E Lodenir (2001), é imprescindível que a criança surda desde bebê tenha contato com pessoas que dominem libras, isso é garantir a essa criança a aquisição da língua de sinais que justamente trará consigo a aquisição de valores, culturas e padrões sociais que transcorrem por meio da língua de sinais.

Considerações Finais

A educação, em todos os seus segmentos, é indispensável para a vida do ser humano. O homem por se valer do dom do raciocínio, é o único que se vale das línguas para estar se comunicando com o outro, seja por meio da língua oral, da língua gestual ou escrita.

Dentro desta perspectiva destacamos a língua de sinais brasileira (Libras). A história do surdo em todos os seus aspectos nos mostra que os surdos desde os seus primórdios sofreram humilhações, restrições em meio a sociedade da época.

A cada século os surdos sofrem com impactos, sendo considerados até mesmo como loucos. Ao longo de muitos anos,as conquistas foram acontecendo e a comunidade surda passou a ganhar seus primeiros direitos até mesmo uma universidade para que pudessem se desenvolver intelectualmente. Mesmo diante de tantas conquistas muito se discutiu em relação às comunidades surdas, escolas passaram a entender que o oralismo um método de ensino seria o mais conveniente para os alunos em questão mesmo diante as dificuldades que eles encontravam em se comunicar com os ouvintes.

As dificuldades não pararam, mas, em meio a tantos problemas houve pessoas que

se preocupam em inserir a comunidade surda e levaram até elas o bilinguismo que foi um método de ensino que valorizou as duas línguas do surdo, a língua de sinais e a língua oficial do seu país. Contudo foi por conta deste método de ensino que a comunidade surda pode sair do silêncio da ignorância e obter conhecimento por meio da língua de sinais.

Dentro desta perspectiva muitos autores e estudiosos têm focado ao longo dos anos o estudo de libras e principalmente a aquisição da linguagem na educação infantil. A sociedade deve estar preparada para receber e aceitar a criança surda em todos os seus aspectos. A escola deve ser uma via de acesso uma ponte que deve levar as crianças surdas a trilhar este caminho.

O educador dentro deste contexto deve ser a alça de acesso para esta criança ser inserida na escola. Desde a infância por volta dos dois anos de idade a criança pode se desenvolver de forma moderada até que atinja mais ou menos seus quatro, cinco anos de idade quando a mesma já é capaz de desenvolver gestos mais sofisticados e apurados. Para que isto ocorra na educação infantil devemos contar com o olhar que será uma ferramenta fundamental neste processo de ensino aprendizagem. O espaço visual ou percepção visual será determinante nesta aprendizagem, sendo assim é possível definir sem sombra de dúvida que o processo de ensino aprendizagem em libras na educação infantil é rico em observação tanto por parte dos profissionais da educação como por parte dos pais, sendo surdos ou não.

Referências Bibliográficas

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In ROMAN, Eurilda Dias; STEYER;VIVIAN, Edite (org).A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil:um retrato multifacetado. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Karnopp_Muller_EducaC3A7ao_infanti l_surdos_cero_seis_anos_2001.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

QUADROS, Ronice Muller de. Alfabetização e o ensino da língua de sinais. Textura, Canoas, nº 03, p. 53-62, 2000. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/888/665. Acesso em: 05 abr. 2023.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.